

SUPLEMENTO

cultural



Este caderno é parte integrante da Revista da APM - Coordenação Guido Arturo Palomba - setembro/outubro 2019 - Nº 313

Hospital do Servidor Público Estadual: uma de minhas casas

Helio Begliomini



Acervo da autoria.

Vista panorâmica do Hospital do Servidor Público Estadual.



Acervo da autoria.

Vista panorâmica do Hospital do Servidor Público Estadual.

Conseguir entrar na faculdade de medicina foi um grande sonho que acalentei desde tenra idade e que Deus favoravelmente me concedeu. Contudo, o caminho foi muitíssimo longo e, por mais que alguém se dedique de corpo e alma ao estudo durante o período de formação universitária, ainda haverá muito que aprender.

Nesse contexto, são inapagáveis em minha memória as palavras que o saudoso, querido e inesquecível professor de anatomia, Olavo Marcondes Calazans, dirigia, no primeiro ano letivo, aos seus alunos em forma de conselho e de alerta: "Vocês terão seis anos para se formar e outros seis para se conformar", intuindo-nos que a busca do aprendizado e da formação profissional não se extinguiria tão somente na graduação, mas se estenderia para sempre.

Tenho plena certeza de que, durante o curso médico, procurei participar e estudar com afinco todas as disciplinas curriculares e algumas extracurriculares, indepen-

dentemente de possuir maior ou menor aptidão. Almejando ter a melhor e a mais completa formação possível, deixei para decidir qual especialidade escolheria somente durante o período de internato.

Não restavam dúvidas de que era necessário e praticamente obrigatório continuar o tirocínio profissional após a graduação, por meio de um bom programa de residência médica.

Lembro-me de que realizei exames em diversos hospitais para não perder a oportunidade de ingressar em uma boa residência. A maioria foi para a especialidade de urologia, mas também prestei um concurso para clínica médica na Unicamp – Universidade Estadual de Campinas. Obtive boas classificações e fui aprovado em vários deles. Acabei optando pelo Serviço de Urologia do Hospital do Servidor Público Estadual, cujo ingresso foi uma inaudita alegria!

À época, prestava-se concurso diretamente para a especialidade almejada. Como residente de urologia, deveria

cumprir um ano em cirurgia geral, estagiando em várias áreas, como cirurgia vascular, pronto-socorro, cirurgia pediátrica, cirurgia geral, urologia, cirurgia plástica, anestesia e unidade de terapia intensiva. O segundo e terceiro anos eram exclusivamente dedicados à urologia. Meu primeiro ano de residente foi em 1979 e, à época, havia tão somente duas vagas.

O Serviço de Urologia do Hospital do Servidor Público Estadual proporcionou-me não só uma sólida formação teórico-prática sobre minha especialidade como também me deu estímulo e condições necessárias para desenvolver trabalhos científicos, que foram encaminhados para publicação em revistas médicas ou da especialidade e apresentados em congressos, feitos que me facultaram um diferenciado destaque curricular.

Concluí meus três anos de residência em fevereiro de 1982. Sempre nutri desejo de manter e aprimorar meus conhecimentos e, se possível, atuar como docente em uma faculdade de medicina ou em um hospital-escola. Nesse ano, houve concurso para assistente do Serviço de Urologia do Hospital do Servidor Público Estadual. Havia três vagas a serem ocupadas e eu fiquei em quarto lugar, não sendo chamado. Entretanto, novo exame ocorreu quatro anos depois, em 1986. Dessa vez, foram disponibilizadas quatro vagas, ocasião em que também concorri e tive o privilégio de ser aprovado em primeiro lugar.

O Serviço de Urologia do Hospital do Servidor Público Estadual deu-me não somente a oportunidade de ter tido uma boa formação urológica mas também abriu, em 1982, as portas de minha pós-graduação, em nível de mestrado, na Escola Paulista de Medicina (EPM), hoje Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), contribuiu em meu currículo, a fim de que eu conquistasse, por concurso, uma bolsa de estudos da Rotary Foundation, na Austrália, em 1986, concedeu-me a condição de chefe do Departamento de Litíase Urinária e Endourologia, em 1990, a condição de preceptor, em 2015, a contribuição financeira para sustento familiar, o prazer de ensinar, interagir e acompanhar dezenas e dezenas de jovens médicos em processo de aprendizado e de especialização, seguindo caminhos que, com idealismo, sacrifícios, perseverança e muita alegria, outrora também percorri, bem como também me concedeu a honra de conviver e de ombrear com destacados profissionais da capital do estado de São Paulo e do Brasil, ilustres ícones, e, alguns deles protagonistas da história contemporânea da especialidade.

Acabei optando pelo Serviço de Urologia do Hospital do Servidor Público Estadual, cujo ingresso foi uma inaudita alegria!

Todavia sou também excessivamente grato ao Hospital do Servidor Público Estadual, essa querida e tradicional instituição de ensino, por me ter concedido o privilégio de que meus dois primeiros filhos nela nascessem, em uma época na qual eu tinha poucos recursos financeiros e não dispunha de plano de saúde. Meu primeiro filho, Enrico, nasceu em 21 de outubro de 1980, enquanto eu era residente do segundo ano. Meu segundo filho, Bruno, nasceu em 4 de outubro de 1982, quando eu tinha deixado a residência havia oito meses e, portanto, não mantinha mais nenhum vínculo, a não ser o afetivo, com o hospital e seus profissionais.

Contudo, sou também imensamente agradecido ao Hospital do Servidor Público Estadual e aos médicos que cuidaram de meu filho Enrico, que sofreu, em 1987 – um ano após meu ingresso como assistente do Serviço de Urologia –, um grave acidente e foi submetido não somente a um longo, múltiplo e angustiante procedimento cirúrgico, mas, igualmente, a uma morosa recuperação pós-operatória; assim como também pelo fornecimento gratuito, durante alguns anos, de medicações de alto custo ao meu estimado pai, então dependente meu, nessa entidade.

Não há dúvida nenhuma de que minha história profissional e pessoal esteve, está e sempre estará entranhada indelevelmente ao Hospital do Servidor Público Estadual – feliz, agradecida e honrosamente!

Helio Begliomini

Membro da Associação Paulista de Medicina, Academia de Medicina de São Paulo, Academia Cristã de Letras, Academia Paulista de História e da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores.

O centenário da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Pará (1919-2019)

Silvestre Savino Neto



Acervo da autoria.

Selo comemorativo do centenário da Faculdade de Medicina.



Acervo da autoria.

Visita de ex-alunos à Faculdade no Largo de Santa Luzia.

A Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará foi fundada no dia 9 de janeiro de 1919 e instalada em 1º de maio do mesmo ano, sendo a oitava escola médica do Brasil. Ela surge em um contexto socioeconômico que coincide com o fim do ciclo da borracha e o início de nova atividade agrícola, com a extração de madeira, castanha-do-pará e com novas culturas que colocariam o Pará, em 1918, entre os dez maiores produtores de milho, feijão e arroz do Brasil.

Na ata de instalação, por meio de trechos do discurso do orador, Dr. Acylino de Leão, vemos o contexto da época: "o desamparo de nossos sertões, cujas populações estão entregues à corte dos pagés e mandigueiros e reputa como fator principal para a solução desse problema, a acção da sciencia médica. Diz que ao amparo dessa teoria, veio a idéia da fundação da Faculdade de Medicina do Pará. Diz que a pratica tem demonstrado que médicos formados pelas academias do Sul, na maioria tomam o caminho de São Paulo, Minas e outras capitais. Faz o histórico do que era a Faculdade do Rio de Janeiro, quando ele, orador, se formara, mostrando que nós estávamos em condições de oferecer os mesmos médicos que aqueles que ali se diplomam".

O seu primeiro Diretor foi o Barão de Anajás Antonino Emiliano de Sousa Castro (1919-1922), e Vice-Diretor Camillo Henrique Salgado, que se tornou Diretor em 1922 e permaneceu no cargo até seu falecimento, em 1938.

A princípio, a Faculdade iniciou suas atividades em salas de aula no Gymnasio Paes de Carvalho, até ser adquirido o prédio localizado no Largo de Santa Luzia, em 2 de junho de 1923, por 25 contos de réis, em grande campanha junto à população, liderada pelo seu Diretor, Prof. Camillo Salgado. O novo prédio tinha uma localização estratégica, pois ficava em frente ao Hospital da Santa Casa de Misericórdia do Pará. O currículo do curso seguia a norma legal, estabelecido pela reforma Maximiano, por meio do Decreto n. 11.530, de 5 de maio de 1915, sendo adotado regimento semelhante ao da Faculdade do Rio de Janeiro, com as mesmas disciplinas ministradas.

A Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará funcionou como uma escola privada até a sua federalização, que ocorreu por intermédio da Lei n. 1049, de 3 de janeiro de 1950. Posteriormente, em 1957, junto com a Faculdade de Direito, Farmácia, Odontologia, Engenharia, Filosofia e Letras,



Acervo da autoria.

Salão Nobre da Faculdade de Medicina em Sessão Solene de posse do novo Diretor, Prof. Dr. Silvestre Savino Neto, e Vice-Diretora, Profa. Dra. Sílvia Helena Árias Bahia, pelo Reitor, Prof. Dr. Emmanuel Tourinho, e de homenagens a professores por ocasião das comemorações do seu centenário.

Ciências Econômicas, Contábeis e Atuariais, constituiu o núcleo formador da Universidade Federal do Pará, quando passou a ser chamada de Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Pará.

Ao longo dos seus 100 anos, tem prestado relevantes serviços à sociedade, com a formação de 8.678 médicos. Neste ano do seu centenário, foi inaugurado um moderno prédio localizado no *Campus* Universitário Prof. José Rodrigues da Silveira Netto, ex-Diretor da Faculdade e ex-Reitor, que exerceu um importante papel na consolidação da Universidade no seu início.

Foram realizados vários eventos para celebrar a data, culminando com o Baile do Centenário, uma festa compatível com sua história e tradição, concretizado pelo trabalho dedicado e generoso de seus ex-alunos e professores.

Celebramos 100 anos de história não apenas para revisitarmos o passado, do qual tanto nos orgulhamos, mas como uma forma de reconhecer a importância dos ensinamentos, da formação e dos valores aprendidos durante o curso.

Memória histórica da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará, 1919-1950: da fundação à federalização/Aristóteles Guillod de Miranda, José Maria de Castro Abreu Junior. Belém, 2009.

Silvestre Savino Neto

Diretor da Faculdade de Medicina da UFPA.

Prof. Agatângelo Vasconcelos, um eminente psiquiatra alagoano

José Hamilton Maciel Silva

Aos 80 anos de idade, morre o médico psiquiatra alagoano Agatângelo Vasconcelos, filho de Odilon Teixeira Vasconcelos e de Iracema Vasconcelos. Casado com Simone, deixa quatro filhos: Alexandre, André, Álvaro e Ivana.

Nascido em 19 de junho de 1939, no povoado Bernardo Lopes, no município de São Miguel dos Campos, no Estado de Alagoas. Frequentou o curso primário na sua cidade natal, tendo concluído o curso secundário no Colégio Batista Alagoano, em Maceió.

Diplomou-se em Medicina pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Especializou-se em Psiquiatria no Rio de Janeiro e, posteriormente, formou-se em Filosofia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da UFAL em 1971.

Foi diretor médico do Hospital Portugal Ramalho e Diretor da Clínica Ulysses Pernambucano.

Foi Presidente da Sociedade Alagoana de Medicina por duas vezes, membro do Conselho Regional de Medicina de Alagoas, tendo sido também seu presidente. Sócio fundador da Sociedade Brasileira de História da Medicina e do Núcleo Alagoano de História da Medicina (NAHM), tendo se destacado como um dos editores do Boletim do NAHM, sua publicação oficial.

Sócio Honorário da Sociedade de Geriatria e Gerontologia. Idealizador, fundador e primeiro presidente da Associação Alagoana de Psiquiatria.

Membro da Associação Médica Brasileira (AMB), Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), Academia Alagoana de Medicina e Academia Maceioense de Letras, Sindicato dos Médicos de Alagoas e do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (IHGAL), Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – Sobrames (Regional de Alagoas).

Foi Professor Assistente, por concurso público, da disciplina de Elementos de Psicopatologia na Faculdade de

Educação da UFAL. Criador do Curso de História da Medicina da Universidade de Ciências da Saúde de Alagoas (Uncisal).

Como escritor, foi autor de várias obras literárias e trabalhos científicos, entre outros: *Poesias*, em 1981, *O asilo de Santa Leopoldina: aspectos históricos e sociais*, um ensaio que o agraciou com o Prêmio Costa Rego pela Academia Alagoana de Letras, em 1985, *Fratricídio em Carahybas*, em 1991, *Roberto Lopes: cores do tempo e do espaço*, em 2000, e a coletânea *Três contos: algumas crônicas e certas pessoas*, em 2003, além de *A saga da sociedade de medicina de Alagoas*.

Título de "Honra ao Mérito" concedido pelo Cremal, "Comenda Arthur Ramos", outorgada pela Câmara de Vereadores de Maceió, "Comenda Cipriano Jucá" e "Comenda Jornalista Rodrigues de Gouveia", ambas da Academia Maceioense de Alagoas.

Além dos seus livros, publicou diversos artigos em revistas médicas e jornais. Participou de vários congressos médicos e literários, obtendo sete premiações nas categorias contos e crônicas.

Empreendedor, ao lado de dois outros colegas psiquiatras, Dr. Pedro Teixeira Duarte e Dr. Nelson Plesmish, fundou, em Maceió, a Clínica Ulisses Pernambucano, conceituada pela sua atuação na área da saúde mental.

O Prof. Agatângelo Vasconcelos, humanista, deixa um legado ético. Profissional conceituado, foi uma *avis rara* da espécie humana.

Morreu em 15 de agosto de 2019, venerado por seus clientes, colegas e amigos.

José Hamilton Maciel Silva

Psiquiatra e professor de Medicina da UFSE.

Ex-Presidente da Federação Brasileira das Academias de Medicina – FBAM.



coluna do livro

Historia da urologia paulista

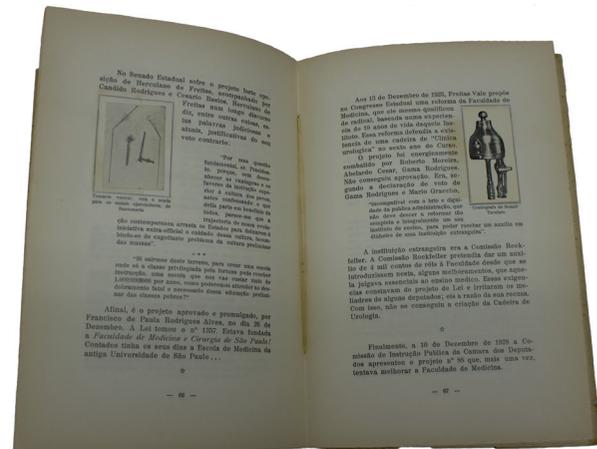
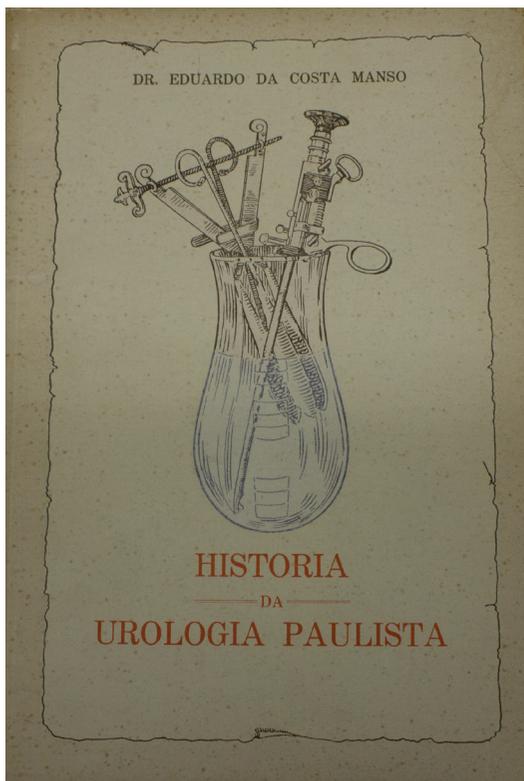
Trata-se de importante monografia, vencedora do Prêmio Baeta Neves, que a Associação Paulista de Medicina conferiu, em 1948, ao trabalho da Clínica Urológica, de autoria de Eduardo da Costa Manso.

A bem ver, a obra é espetacular, histórica, ilustrada com bicos de pena feitos pelo grande mestre da ceroplastia, Augusto Esteves, a retratar os magnos da especialidade. Entre os vários citados, Carlos Botelho, que apresentou, em 15 de janeiro de 1897, na recém-fundada Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje

Academia de Medicina de São Paulo, monografia tida como uma das mais importantes da história da Urologia do Brasil, a dar notícia da "operação de talha hypogastrica, modernizada pela aplicação do balão e Petersen e outros melhoramentos". Pouco tempo depois, Luiz Pereira Barreto, o fundador da então Sociedade, publicou outra intervenção da mesma natureza.

O livro é fascinante. Quem aprecia História da Medicina Paulista terá nele uma fonte rara de pesquisa.

São 102 páginas, impresso na Elvino Pocaí, em 1951, brochura, com capa original. Contém dedicatória de José Roberto de Vasconcellos a Antônio Marmo Lucon, que doou o livro à APM recentemente (24 de maio de 2019). O Departamento Cultural da APM agradece sinceramente a importante doação.



Guido Arturo Palomba

Diretor Cultural Adjunto da APM.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo

Diretor Adjunto: Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*)

Cinemateca: Wimer Bottura Júnior

Pinacoteca: Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina:

Jorge Michalany (curador, *in memoriam*)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.